

MEDICINA NO EXTERIOR:

COMO FUNCIONA E ONDE ESTUDAR



ÍNDICE

Introdução	1
Como fazer medicina no exterior	2
Quais são as melhores escolas de medicina no mundo	4
Em quais países é mais barato estudar Medicina?	6
Como é estudar medicina na Argentina?	8
América do Norte: como é estudar medicina nos EUA e no Canadá	10
Como é pesquisar sobre câncer em uma universidade de ponta?	13
Medicina na Europa: é possível fazer o curso em países como Portugal e Reino Unido?	15
Vale a pena estudar medicina em Cuba?	18
Fora do eixo: como funciona o curso de medicina na África e na Ásia	20
Alunos de medicina podem fazer intercâmbios em hospitais de fora?	22
Intercâmbio em pesquisa em medicina - é possível?	24
Como funciona a revalidação do Diploma?	26
Pesquisa em ciências médicas não é só para medicina	28



INTRODUÇÃO

Não há dúvida de que é necessário suar muito a camisa para conseguir um diploma em Medicina. Conhecida pelas longas horas de trabalho e, claro, pelo cuidado com a saúde e bem estar dos pacientes, a carreira fica sempre entre as mais concorridas dos vestibulares. No exterior, não é diferente. As escolas de medicina atraem candidatos excelentes e exigem cada vez mais na hora de admiti-los.

Se você baixou esse e-book, provavelmente sabe dos prós e contras da profissão e tem interesse na área. Para ajudar os futuros doutores que desejam estudar fora, neste e-book você encontrará um guia completo, do passo a passo para fazer Medicina no exterior até os detalhes da medicina cubana. Também vai conhecer alguns dos brasileiros que desenvolvem pesquisas na área médica em instituições de ponta, como Harvard e o Massachusetts Institute of Technology (MIT).

Aproveite para conhecer histórias de quem já passou por essa experiência e que conta sobre os prós e contras de cada destino.

SOBRE A FUNDAÇÃO ESTUDAR

A Fundação Estudar é uma organização sem fins lucrativos que acredita que o Brasil será um país melhor se tivermos mais jovens determinados a seguir uma trajetória de impacto. Criada em 1991, a instituição tem como objetivo disseminar uma cultura de excelência e alavancar os estudos e a carreira de universitários e recém-formados por meio da formação de uma comunidade de líderes, do estímulo à experiência acadêmica no exterior e do apoio à tomada de decisão de carreira.

SOBRE O ESTUDAR FORA

O EstudarFora.org é a principal fonte de informação e orientação para quem deseja estudar no exterior. No portal, é possível encontrar rankings com as melhores universidades do mundo, detalhes sobre seus processos seletivos, novidades sobre bolsas de estudo, ferramentas de apoio à preparação e histórias inspiradoras de jovens brasileiros que já viveram (ou vivem) essa experiência.

→ No site estudarfora.org.br/especiais você tem acesso a guias exclusivos e gratuitos.



COMO FAZER MEDICINA NO EXTERIOR

Instituições exigem histórico acadêmico acima da média e dedicação de quase uma década. Estrangeiros também passam por processo de seleção rígido.

Medicina está entre as carreiras mais prestigiosas, sem dúvida. Quem nunca ouviu um parente sugerir que fulano ou ciclano investisse na Medicina e virasse “doutor”? Talvez seja esse um dos fatores que transformem o curso em um dos mais concorridos nas universidades ao redor do mundo.

Nada mais natural do que estipular que o protocolo de seleção para Medicina, portanto, seja diferenciado. Além de concorrida, esta é uma área crucial em que cada profissional lida com a vida e com o bem-estar dos pacientes. O cuidado em selecionar e formar bons médicos e médicas faz parte do pacote em todos os países – do Velho Continente aos nossos países vizinhos, como a Argentina.

Nada mais natural do que estipular que o protocolo de seleção para Medicina, portanto, seja diferenciado. Além de concorrida, esta é uma área crucial em que cada profissional lida com a vida e com o bem-estar dos pacientes.



O cuidado em selecionar e formar bons médicos e médicas faz parte do pacote em todos os países – do Velho Continente aos nossos países vizinhos, como a Argentina.

Para começar, o filtro dos candidatos à Medicina costuma ser bem diferente do restante. Em Portugal, por exemplo, o convênio estabelecido para garantir acesso a instituições por meio do ENEM não vale para a carreira. Nos Estados Unidos,

“Antes de embarcar para outro país, convém prestar atenção ao currículo da instituição, bem como às oportunidades de pesquisa e experiência clínica.”

é necessário passar por um curso na categoria “*undergraduate*” – ou seja, uma graduação – para então se candidatar às *medical schools*, depois de quatro anos de ensino superior.

Em processos como o americano, os candidatos “*pre-med*” costumam quebrar a curva de desempenho dos cursos e se esforçar

ao máximo, tornando a disputa ainda mais acirrada. Se o sonho americano fala mais alto, o jeito é separar em torno de dez anos para ter um diploma de “doutor” em mãos. Há quem opte por fazer a graduação no Brasil e, em um doutorado, investir em uma formação estrangeira. Ou mesmo embarcar para um período reduzido em outro país e dedicar-se à pesquisa.

A nossa vizinha, Argentina, atrai estudantes por custos reduzidos e a proximidade geográfica, além de instituições renomadas como a Universidad de Buenos Aires (UBA). Cuba, ilha caribenha que ganhou destaque justamente pela Medicina, também recebe centenas de candidatos brasileiros em sua Escuela Latinoamericana de Medicina (ELAM).

De modo geral, mesmo as opções mais acessíveis para estudar medicina no exterior exigem um desempenho acadêmico acima da média. E, ao contrário do método brasileiro, que considera apenas o desempenho no vestibular tradicional, no exterior são levados em consideração fatores como cartas de recomendação e atividades extracurriculares, somados ao histórico acadêmico. Uma vez aceito em uma universidade estrangeira, a exemplo das argentinas e cubanas, é hora de passar por um currículo-base. Entram na lista de disciplinas assuntos já familiares no Ensino Médio, como Biologia e Química, que servem de base nos primeiros anos de formação. É só depois de passar por tais matérias que aulas mais aprofundadas, como as de Anatomia ou Fisiologia Humana, aparecem. Assim, os futuros médicos passam por um caminho introdutório semelhante ao chegar às salas de aula, e são nivelados para se dedicar à Medicina.

Em qualquer país do mundo, Medicina é um curso extenso e que demanda dedicação total dos candidatos por vários anos a fio. Por isso, antes de embarcar para outro país para fazer o curso, convém prestar atenção ao currículo da instituição, bem como às oportunidades de pesquisa e experiência clínica possíveis. Assim, é possível entender melhor qual opção se encaixa melhor nos planos do futuro médico.



QUAIS SÃO AS MELHORES ESCOLAS DE MEDICINA NO MUNDO

Harvard, Cambridge e Johns Hopkins se destacam na área e aliam tradição ao investimento pesado em pesquisa.

Avaliar quais universidades chegam ao topo, em um quadro geral, é uma tarefa complicada. No caso dos rankings universitários como o QS Ranking, o cálculo inclui o número de publicações, relevância das pesquisas desenvolvidas na instituição, notas dos candidatos em exames padronizados como o MCAT (*Medical College Admission Test*) e mesmo intercâmbio de pesquisadores. De modo geral, na categoria medicina, as que se dão melhor são as escolas que aliam tradição no campo à inovação em pesquisa.

Para entrar no top 10 de escolas de medicina, é necessário apoio financeiro e investimento pesado em pesquisa. São universidades cujas *tuitions* tendem a sair mais caras do que o padrão em outros cursos. Como uma das líderes do ranking, a britânica Universidade de Oxford, explica, “os custos são altos” - o que limita a oferta de bolsas de estudo e faz com que os alunos estrangeiros passem por um crivo ainda mais rígido.



Conheça três das melhores instituições para cursar medicina no mundo e entenda como funciona o processo seletivo e quais os custos de cada uma.

1) Harvard Medical School

Os números da Harvard Medical School dão uma pista sobre o nível de excelência. São dois séculos ensinando alunos, 15 centros médicos e hospitais associados, taxa de aprovação de cerca de 3%.

“Os números da Harvard Medical School dão uma pista sobre o nível de excelência. São dois séculos ensinando alunos, 15 centros médicos e hospitais associados, taxa de aprovação de cerca de 3%.”

Brenton Huggins – responsável por identificar, em 1966, o papel dos hormônios no desenvolvimento de determinados tumores.

Com uma *tuition* que ultrapassa os 58 mil dólares anuais, que devem ser somados às despesas de manutenção do estudante (como alimentação, transporte e materiais), Harvard tem um preço salgado, em especial para os estudantes internacionais – não é de surpreender que o número de estudantes internacionais nas turmas seja reduzido. Ainda assim, Harvard atrai candidatos numerosos – um total de 7.069 só na última leva de *applications*, sendo que apenas 235 foram aceitos.

A boa notícia é que ganha força na Medical School o compromisso com a diversidade no corpo discente,

através do *Office of Recruitment and Multicultural Affairs*, que tenta trazer mais alunos latinos, afrodescendentes e LGBT para as salas de aula.

2) Universidade de Cambridge

A instituição é uma das gigantes no Reino Unido e tem 800 anos de história, com nomes de destaque nos diversos campos da medicina. O pioneirismo de Cambridge fica evidente na lista de ex-alunos de destaque: 26 deles levaram para casa o Nobel de Medicina. Entre os famosos que passaram pela instituição britânica, estão Alan Hodgkin, que investigou a ação das terminações nervosas, e o trio Maurice Wilkins, James Watson e Francis Crick, responsáveis pela descoberta da estrutura de dupla hélice do DNA.

Fazer parte do corpo discente da instituição sai caro: apenas a *tuition* custa mais de 50 mil libras para o curso de Medicina. Para ter uma ideia, um aluno de Economia teria de desembolsar anualmente cerca de 19 mil libras – menos de metade da quantia.

3) Johns Hopkins University

O nome da Johns Hopkins ganha destaque não só nos rankings internacionais, como também em obras de ficção. Não faltam referências à universidade na cultura pop, a exemplo de seriados como *Grey's Anatomy* e *House*. A instituição conta com 16 prêmios Nobel em Medicina – sendo que o primeiro deles, Thomas Hunt Morgan, foi laureado em 1933, graças às descobertas sobre o papel dos cromossomos na hereditariedade.

Para entrar na Johns Hopkins, o estudante internacional precisa de notas excelentes no TOEFL, exame de proficiência, e no MCAT (Medical College Admission Test), além de boas notas em um curso de graduação. Também é recomendado que os candidatos façam o *pre-medical course* com formação complementar em áreas como Biologia, Química e Física. Os custos gerais para ser aluno da Johns Hopkins, segundo a universidade, ultrapassam os 70 mil dólares, sendo que 50 mil correspondem à *tuition*.



EM QUAIS PAÍSES É MAIS BARATO ESTUDAR MEDICINA?

Universidades em outros países latino-americanos têm mensalidades que correspondem a um décimo de brasileiras

Concretizar o sonho de estudar medicina, no Brasil ou no exterior, inclui passar por um obstáculo financeiro. O curso está entre os mais caros nas universidades particulares, e exige anos de preparação, muitas vezes por meio dos “cursinhos” pré-vestibulares, que também pesam no bolso.

No caso das instituições de fora do país, os nomes mais famosos costumam ter anuidades (ou, em países de língua inglesa, *tuitions*) elevadas. É o caso da Harvard Medical School, líder nos principais rankings internacionais, que sai por 58 mil dólares ao ano, o equivalente a cerca de 180 mil reais. Não bastasse a *tuition* acima da média, e a rara ocorrência de bolsas de estudo, há um fator comum aos cursos de medicina: a formação dura mais anos do que a maioria das áreas de estudo.

Por isso, muitos brasileiros embarcam para outros países em busca de alternativas mais baratas. Com o custo de vida mais baixo e mensalidades em conta, lugares como Bolívia e Cuba chamam a atenção dos brasileiros também pela proximidade geográfica e cultural.



Conheça alguns dos países mais visados por brasileiros e entenda como funciona o ensino de medicina por lá.

Bolívia

Desde a década de 80, o país recebe milhares de brasileiros interessados nos cursos de medicina, principalmente em instituições privadas. Cidades como Santa Cruz de La Sierra, Cochabamba, La Paz e Sucre são as que mais recebem candidatos. Nas universidades privadas, o preço chega a um décimo do que uma universidade particular de

“Antes de cogitar a formação em instituições bolivianas, entretanto, vale conferir a estrutura dos programas e a qualificação dos professores.”

prestígio cobra no Brasil. Para que se tenha uma ideia, as mensalidades vão de 95 a 250 dólares, e pode haver descontos durante os seis anos de duração do curso.

Para conseguir uma vaga, basta levar documentos básicos de identificação e histórico escolar, e comprovar ter condições de bancar a mensalidade. Não é necessário fazer provas para ingresso,

como acontece nos vestibulares brasileiros. Entre as universidades privadas, estão a Universidad Católica Boliviana (Católica), localizada em Santa Cruz de la Sierra, e a Universidad del Valle (Univalle), em Cochabamba. Já que o custo de vida no país é baixo, comparado a grandes cidades brasileiras, se manter na região pode sair por cerca de 1,5 mil reais.

Antes de cogitar a formação em instituições bolivianas, entretanto, vale conferir a estrutura dos programas e a qualificação dos professores.

As principais críticas à medicina na Bolívia vêm da pouca experiência clínica ao qual os alunos são expostos e da formação dos professores, que podem ser contratados por indicação.

Cuba

A ilha ganhou fama pela tradição em medicina preventiva, e pelo alto número proporcional de doutores formados – que chegaram a embarcar para o Brasil em programas como o Mais Médicos. A principal instituição que recebe candidatos brasileiros é a ELAM, a Escuela Latinoamericana de Medicina, localizada em Havana. A instituição foca justamente naqueles que não conseguem bancar uma graduação em medicina e que não tiveram acesso às melhores oportunidades para chegar a uma universidade pública. Em resumo, o cenário perfeito para muitos brasileiros.

Argentina

Nossa arqui-inimiga no futebol virou queridinha dos brasileiros que desejam cursar medicina. Com duração de sete anos, o curso não exige um exame de admissão, como nos vestibulares brasileiros, mas demanda que o candidato seja aprovado no chamado CBC (Ciclo Básico Comum), com seis matérias essenciais para a graduação na área. Uma vez aprovado no ciclo, o estudante está dentro – o que significa poder estudar em universidades de destaque na América Latina, como a Universidad de Buenos Aires (UBA), reconhecida em rankings internacionais. Com instituições públicas e gratuitas, somadas a um custo de vida acessível, a Argentina atrai a atenção de muitos brasileiros.



COMO É ESTUDAR MEDICINA NA ARGENTINA?

Para realizar sonho de estudar em uma das melhores universidades do mundo, a mineira Ana Paula Braga atravessou o Brasil de carro até chegar à Argentina

Estudar medicina sempre foi um desejo de Ana Paula Braga. Por conta do medo de não ser aprovada no concorrido vestibular, porém, ela decidiu seguir por outro caminho. A jovem se formou em pedagogia, fez pós-graduação na área e chegou a trabalhar por 3 anos até perceber que precisava mesmo ir atrás do seu sonho.

Na busca por instituições, Ana Paula encontrou a Universidade de Buenos Aires (UBA), uma das 15 melhores da América Latina de acordo com o ranking QS. O lugar não só a atraiu pela qualidade de ensino como também por seu processo seletivo diferente do Brasil. Para ingressar na universidade, ela explica, primeiramente é necessário fazer o Ciclo Básico Comum (CBC), constituído por 6 matérias relacionadas ao curso desejado. Não há um vestibular específico, pois quem é aprovado em todas as disciplinas iniciais está dentro da faculdade.

Ela, que atualmente está no primeiro ano de medicina, teve muito o que desbravar para chegar lá.



Em janeiro de 2015, Ana e seu namorado decidiram juntar todas as economias que tinham, pegaram o carro em Minas Gerais e desceram até a Argentina. “Não fizemos nenhum pacote com empresas, nem nada. Pesquisamos tudo pela internet, estudamos espanhol por nossa conta e viemos para tentar nos inscrever na faculdade e arrumar moradia”.

Logo que chegaram, os dois se depararam com uma dificuldade: faltava um documento para a matrícula. Por sorte, descobriram uma modalidade em que é possível cursar o CBC online, o que garantiu que eles

“Pesquisamos tudo pela internet, estudamos espanhol por nossa conta e viemos para tentar nos inscrever na faculdade e arrumar moradia.”

conseguissem estudar.

“Voltamos para o Brasil para arrumar a mudança de verdade, vendemos nosso carro e em março estávamos, enfim, morando na Argentina”, conta.

Ana Paula explica que o curso online oferece tutoriais para que os alunos tirem dúvidas toda semana como os professores da universidade e que as avaliações são presenciais. Embora todos os alunos aprovados nas 6 matérias possam ingressar em medicina, ela dá um alerta: “Isso

não quer dizer que seja fácil. Já conheci muito brasileiro desiludido por aqui. Não só o CBC exige dedicação, como também o curso escolhido, o que leva muitos alunos a desistirem”.

Nos primeiros anos, as provas de medicina são divididas em 3 partes: oral, escrita e múltipla escolha. O curso tem uma duração total de 7 anos. Após isso, o estudante ainda precisa trabalhar por 6 meses como interno em um hospital.

Sobre as vantagens em se estudar na UBA, Ana Paula destaca a qualidade do ensino e as possibilidades que ela vê para seu futuro. “É muito motivador aprender outro idioma, estar longe de casa e conhecer outra cultura”. A estudante ainda não sabe o que fazer sobre quando se formar. “Tudo vai depender da condição política e econômica do Brasil e da Argentina para que eu me decida”. Como a UBA possui convênios com o governo da Espanha, ela diz que não descarta se mudar novamente quando formar.

No momento, Ana Paula aproveita a oportunidade na universidade e também a experiência em outro país. Ela conta que quando chegou, percebeu que o espanhol que sabia era bem diferente do falado, então foi um desafio inicial, superado aos poucos devido ao seu esforço de integração à cultura argentina. Sobre isso, ela diz estar feliz por aprender tanto e aconselha a experiência para todos que possuem esse objetivo e querem levar seus estudos a sério.



AMÉRICA DO NORTE: COMO É ESTUDAR MEDICINA NOS EUA E NO CANADÁ

Tuition alta para estudantes internacionais marcam universidades canadenses e americanas. Escolas se destacam pela pesquisa de ponta.

Os dois gigantes da América do Norte possuem nomes de peso na formação em medicina, com universidades no topo dos rankings. Afinal, é difícil achar quem nunca tenha ouvido falar de Harvard ou Stanford, assim como de outras instituições pioneiras canadenses e americanas.

Estados Unidos e o vizinho Canadá têm mais em comum do que a proximidade geográfica. Os dois países apresentam universidades com investimentos pesados em pesquisa e custos elevados para quem opta pelo curso de medicina – ainda mais quando se trata de um aluno estrangeiro. No caso do Canadá, há menos subsídio por parte do governo, o que faz a mensalidade aumentar em relação aos já residentes no país.

De modo geral, a estrutura dos cursos têm similaridades: A primeira delas é justamente a classificação da medicina como uma área de pós-graduação, que exige formação prévia.



Ou seja, são necessários quatro anos de estudo para conseguir o bacharelado em áreas correlatas – que tenham foco em Física, Química e Biologia – antes de se candidatar às Escolas Médicas.

Somado ao estudo na graduação, a maioria dos alunos dos Estados Unidos passa pelo *pre-med* – uma espécie de formação complementar que alavanca os conhecimentos nas áreas prioritárias da medicina. Os “*pre-med*” tendem a ter as notas mais altas das turmas de graduação, para conseguir uma vaga na carreira mais concorrida. A partir daí, com médias altas e atividades extras que o destaquem, um aluno pode começar a candidatura.

Mas há ainda mais um passo antes de enviar a *application* à escola de medicina. O MCAT (Medical College Admission Test), exame padronizado comum aos EUA e ao Canadá, avalia o desempenho dos candidatos nas matérias principais para a carreira, como é o caso de Biologia e de Química. Somando a avaliação do MCAT ao desempenho na graduação inicial, às cartas de recomendação e outras exigências das instituições, é composta a “nota” do estudante. No caso de um estudante brasileiro, que não tenha a língua inglesa como primeiro idioma, o padrão é também exigir exames de proficiência, como o TOEFL ou IELTS.

Ao todo, o processo de formação de um médico demanda o mínimo de oito anos, incluindo a bagagem teórica necessária e a experiência clínica supervisionada por médicos. Além disso, há o período necessário para as residências e especializações, que podem somar mais anos à conta.

Aproveite e conheça duas das universidades que lideram os rankings nos dois países.

McGill University

É a principal universidade do Canadá, localizada em Montreal e fundada em 1821.

Nomes importantes em diversas áreas das ciências passaram por McGill, como foi o caso do físico Ernest Rutherford, que estudou a estrutura dos átomos e ministrou aulas de Física por lá. Como característica de destaque, a universidade conta com o caráter interdisciplinar nas pesquisas que conduz. É por lá que se encontram centros de excelência que desenvolvem projetos como o Healthy Brains for Healthy Lives, que conecta há sete anos a área de neurociência da universidade à de neuroinformática.

Para estudar na McGill, o estudante deve passar pelo extenso processo descrito acima. Além disso, o jeito é preparar o bolso para os custos. Para um estudante internacional, um ano de estudos sai por cerca de 37 mil dólares canadenses – quase dez vezes mais do que é cobrado de um aluno natural do Canadá. Mesmo com a *tuition* tão alta, o nível de internacionalização em McGill é destaque no país: chega a 27% do número de estudantes em carreiras médicas.

Harvard University

Figura carimbada nos rankings, Harvard tem um nome e tanto a zelar na medicina. É um dos segredos por trás de tamanha relevância, a nível internacional, vem da pesquisa desenvolvida por lá. Como conta a brasileira Júlia Campos, que passou um ano na HMS, graças a um convênio com a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, o aporte de investimentos em pesquisa é robusto. A origem desse investimento todo não é só o governo americano, mas também o setor privado, na figura de gigantes como a Pfizer.

“Lá, eles são muito bons em relacionar diferentes áreas, porque não estão presos nessas caixinhas que nós temos no sistema de ensino brasileiro.”



Outro ponto essencial de Harvard é a colaboração e a troca entre departamentos. O contato entre estudiosos de diversas áreas faz parte do modus operandi da universidade. “Lá, eles são muito bons em relacionar diferentes áreas, porque não estão presos nessas caixinhas que nós temos no sistema de ensino brasileiro”, explica Júlia.

No caso dela, que focava um tema bastante específico - o desenvolvimento de microvesículas liberadas por células para transportar proteínas pelo corpo - era fácil ter contato com pesquisas de setores completamente distintos. Quando se trata da HMS, a raridade era encontrar um horário vago entre apresentações de trabalhos.



COMO É PESQUISAR SOBRE CÂNCER EM UMA UNIVERSIDADE DE PONTA?

Brasileiro em Harvard investiga tumores de mama que não manifestam marcadores comuns. A aposta de Mateus Taveira é a imuno-oncologia.

Quando o brasileiro Mateus Taveira decidiu embarcar para os Estados Unidos, foi para investigar uma das doenças do século: o câncer. Bolsista da Fundação Estudar, ele já havia saído do país durante a graduação e desenvolvido pesquisas menores em Yale e em Harvard. E, uma vez concluída a graduação no Brasil, Mateus já estava pronto para um pós-doutorado na Harvard Medical School.

Este “salto” da graduação ao pós-doutorado só aconteceu porque a decisão de estudar nos Estados Unidos foi planejada durante os cinco anos que passou na Universidade Estadual de Campinas, no interior de São Paulo. Na graduação, Mateus adiantou os documentos para a equivalência do diploma em território americano, a fim de garantir que conseguisse avançar academicamente por lá. Isso porque a formação médica nos Estados Unidos é considerada uma pós-graduação (quando se tornam *graduate students*). Ao todo, são cerca de oito anos de dedicação para se tornar um “Doctor in Medicine – ou M.D.”.



Ao chegar na Harvard Medical School, envolvido na pesquisa em parceria com o Beth Israel Deaconess Medical Center, Mateus logo percebeu a diferença entre a experiência nos Estados Unidos e no Brasil. “Aqui, a barreira entre o paciente, o leito e a bancada de pesquisa é quase inexistente”, conta ele.

“Hoje em dia, os tumores são plenamente curáveis. Em 80% dos casos descobertos precocemente, o paciente sobrevive.”

Em outras palavras, quando o assunto é pesquisa, as universidades americanas têm muito a ensinar. Outro ponto essencial na experiência por lá tem a ver com os recursos disponíveis para o pesquisador. Enquanto desenvolve estudos na área de biologia das células tumorais, Mateus tem à disposição equipamento e testes variados. “Se você pede um exame, em meia hora você já tem. A disponibilidade de exames complementares é muito maior”, observa o brasileiro.

E isso faz toda a diferença em matéria de pesquisa em medicina. Com o apoio da indústria e, principalmente, do governo americano, na figura do National Institute of Health, estudiosos na área contam com uma estrutura consistente. “Qualquer reagente é caro, recrutar paciente é caro. Tudo fica caro porque é tecnicamente muito complicado, e os objetivos a longo prazo são muito mais ambiciosos”, resume Mateus.

O objetivo ambicioso de Mateus tem tudo a ver com o bem-estar das pessoas e com o combate a uma doença que acomete milhares de mulheres todos os anos. Seu campo de pesquisa trata do câncer de mama, o segundo mais comum entre as mulheres no Brasil, depois do tumor de pele não-melanoma. Para ter uma ideia, só em território nacional, as estimativas do Instituto Nacional de Câncer (INCA) dão conta de 57.960 casos novos em 2016.

O foco da investigação é um tipo específico de tumor, o câncer de mama triplo negativo. “Ele não manifesta nenhum dos três marcadores que a maioria dos tumores de mama expressa”, explica ele. Com a dificuldade em identificar marcadores, fica ainda mais complicado elaborar um tratamento que ataque o tumor de maneira eficaz. Uma das

apostas para as medicações vem de um ramo batizado de imuno-oncologia, que busca utilizar as células defesa do

paciente como aliadas no tratamento da doença, associada às drogas propriamente ditas. Esse campo também faz parte dos estudos de Mateus, bem como de muitos estudiosos em universidades de ponta.

A perspectiva dos pesquisadores é aliar terapias diferentes e desenvolver drogas com maior previsão e menos efeitos colaterais. “Hoje em dia, os tumores são plenamente curáveis. Em 80% dos casos descobertos precocemente, o paciente sobrevive”, aponta Mateus. Conhecer de perto as inovações em pesquisa na área em um país como os Estados Unidos é, então, uma chance e tanto.



MEDICINA NA EUROPA: É POSSÍVEL FAZER O CURSO EM PAÍSES COMO PORTUGAL E REINO UNIDO?

É difícil, mas não impossível. Concorrência acirrada e custos elevados fazem parte do cenário, além da baixíssima oferta de bolsas.

Pensar em universidades europeias é pensar em tradição. E não é pra menos: instituições como a Universidade de Oxford, no Reino Unido, estão em atividade desde o século XI. Seguindo essa linha, as escolas de medicina que pertencem às universidades não ficam longe e primam pela excelência no curso. Além de bons professores e boa infraestrutura, muitas delas ganham destaque em campos de pesquisa.

É uma soma de fatores de fazer inveja. Como resume o brasileiro Gabriel Liguori, que cursa o PhD na Universidade de Groningen, na Holanda, e pesquisa engenharia dos tecidos: “Aqui temos muito mais dinheiro, infraestrutura e uma rede de conhecimento do que no Brasil”. Já que as instituições contam com tanto apoio e investimentos robustos, não é de surpreender que as pesquisas sejam mais relevantes e cheguem aos resultados mais rapidamente. “Se você demora muito para fazer algo, outro grupo de pesquisa pode vir e fazer primeiro”, aponta Liguori, que foca o desenvolvimento de próteses cardiovasculares.



No caso dele, a instituição holandesa ofereceu a oportunidade não só de desenvolver uma pesquisa de ponta, como também de se envolver em uma área que não havia chegado às faculdades de medicina no Brasil. Mesmo na Universidade de São Paulo, destaque entre as brasileiras, a engenharia de tecidos não chegara pra valer ao campo da medicina.

Como característica geral, as universidades europeias oferecem aos candidatos de doutorado a chance de passar anos

“Se alguém deseja cursar Medicina para se tornar um bom médico-pesquisador, recomendo fazê-lo na Europa. Se deseja cursar Medicina para se tornar um bom médico, eu diria para fazê-lo no Brasil.”

dedicados quase que integralmente à pesquisa. O pesquisador conta com a estrutura consistente e, ainda, com autonomia. Outro ponto vantajoso, como destaca Liguori, tem a ver com a concentração de centros de excelência. “Com duas ou três horas de trem, você está em outra universidade, em outro país, onde eles têm um know how que você ainda não tem e pode ir até lá aprender”, explica ele. Essa proximidade geográfica e a facilidade em se deslocar em diferentes instituições têm efeitos práticos. “Já lidei com essa situação algumas vezes, visitando outras

universidades na Holanda e na Alemanha para adquirir novos conhecimentos e implantá-los na minha universidade daqui”.

Para não errar na hora de escolher a universidade europeia, entretanto, é necessário ter alguns cuidados. O primeiro de todos é observar que, em muitas instituições, o curso de medicina exige uma graduação anterior. É semelhante ao padrão americano, em que há o curso *pre-medical* anterior à medicina. Em outras palavras, se formar na área, na Europa, demandaria o tempo de uma graduação somado à pós-graduação.

Se, por outro lado, o aluno opta por fazer um mestrado com pesquisa ou doutorado em alguma instituição na Europa, o processo é outro – e varia de acordo com o lugar. De modo geral, como aconselha Liguori, quem escolhe tal grau de formação precisa escolher bem o destino, com base no tipo de pesquisa desenvolvida por lá. “Como um doutorado é 99% dedicado a pesquisa, é necessário conhecer as linhas de pesquisa do grupo no qual se está ingressando”, explica ele. No caso de Liguori, isso significava também verificar qual possibilitaria “estender suas atividades para o Brasil”, para que pudesse continuar o estudo em solo brasileiro.

O tira-teima para decidir se a vivência acadêmica na Europa interessa, portanto, deve começar com um questionamento inicial. “Se alguém deseja cursar Medicina para se tornar um bom médico-pesquisador, recomendo fazê-lo na Europa. Se deseja cursar Medicina para se tornar um bom médico, eu diria para fazê-lo no Brasil”, resume Gabriel Liguori.

Conheça algumas das universidades europeias que lideram os rankings universitários em medicina.

Universidade de Oxford

Quando se trata da instituição inglesa, fica difícil estipular quando as aulas em medicina começaram – a estimativa é que, desde o século XII, houvesse estudantes na área por lá. A Universidade de Oxford ilustra bem as dificuldades em fazer medicina na Europa.



No curso inicial de graduação, assim como no *Graduate Entry*, a oferta de vagas para alunos estrangeiros é bastante restrita: Somando os dois módulos, são 14 vagas a cada ano, em que alunos do mundo todo competem.

Como Oxford informa, o número de bolsas é ainda menor. No caso dos alunos pré-selecionados, há necessidade de entrevista presencial, que ocorre sempre em dezembro. Sem a possibilidade de bolsas, um estudante brasileiro gastaria, em média, 20 mil libras ao ano com o curso, além dos custos para se manter no Reino Unido, como alimentação e transporte.

Universidade de Coimbra

A instituição portuguesa leva fama pela tradição em diversas áreas, e pela relevância histórica no país desde sua fundação, em 1290.

Entre os brasileiros, a UC também ficou famosa por ofertar vagas a brasileiros através do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). Entretanto, é necessário lembrar que a Universidade de Coimbra - bem como as outras universidades portuguesas que aderiram ao ENEM - não permite aos candidatos usar o exame brasileiro para o Mestrado Integrado em Medicina, nem para o curso de Medicina Dentária. Como a UC detalha, a restrição veio por um despacho do governo português, já que a concorrência para alunos portugueses era alta.



VALE A PENA ESTUDAR MEDICINA EM CUBA?

Thierry Silva, jovem da periferia de São Paulo, passou por essa experiência e conta os prós e contras. Reconhecimento do diploma no Brasil ainda é desafio

Thierry Diego Silva, de 27 anos, sempre quis estudar medicina. Nascido e crescido na periferia de São Paulo, sabia que não seria fácil realizar seu sonho. “Estudei a vida toda em escola pública. Não tinha muita base, meus estudos sempre foram deficientes”, conta. Ele até prestou vestibular, mas não conseguiu passar. “O meu mundo era completamente diferente do das pessoas que geralmente estudam medicina no Brasil”, diz.

Foi aí que ele descobriu a Escola Latino-Americana de Medicina, em Cuba. Thierry conta que a filosofia da escola é capacitar profissionais (normalmente jovens de baixa renda) que não teriam condições de estudar medicina em outro lugar e que querem “devolver” para o seu país de origem aquilo que aprenderam lá fora. “Eles recrutam alunos do sertão da Bahia, de tribo indígena... Formam esses profissionais em Cuba e os devolvem para o seu país para fazer a diferença”, esclarece.



A Escola Latino-Americana de Medicina surgiu em 1998 e atualmente possui alunos provenientes de 117 países, sendo que a maioria vem de famílias humildes e de povoados de difícil acesso. A Escola já formou mais de 25.000 médicos desde sua fundação.

Para ingressar na instituição o aluno tem que ter, no máximo, 25 anos. O processo seletivo é bastante diferente do que se vê por aqui: é imprescindível estar vinculado a algum movimento social ou partido político. Além disso, é preciso realizar uma entrevista com a Embaixada de Cuba, realizar um teste psicotécnico, fazer uma redação e ter o desejo real de voltar para o seu país e trabalhar com atenção básica. “A medicina cubana é muito forte na parte de prevenção e promoção da saúde e quem deseja estudar lá precisa estar consciente disso”, explica Thierry.

“Eles recrutam alunos do sertão da Bahia, de tribo indígena... Formam esses profissionais em Cuba e os devolvem para o seu país para fazer a diferença.”

Uma vez aceito, o aluno recebe bolsa de estudos integral do governo cubano, além de alimentação, hospedagem e 30% do valor de um salário mínimo local. Esse montante, segundo Thierry, era suficiente para levar uma vida tranquila. “Morei em apartamentos de 4 quartos, com dois banheiros, sendo que cada quarto tinha 6 beliches. Tínhamos café da manhã, almoço, jantar e merenda”, diz. “Mas vivíamos no sistema de internato. Era permitido sair sexta-feira a partir do meio-dia mas precisávamos voltar domingo antes das 22h”, explica, sobre os pontos negativos da experiência.

Sobre o ensino

O ensino de medicina em Cuba dura 6 anos e meio. Nos primeiros quatro meses que antecedem o início das aulas (que começam em setembro), todos os alunos passam pelo chamado “pré-médio”, ou pré-medicina. Trata-se de um curso intensivo de nivelamento cujo objetivo é fazer com

que os alunos revejam as matérias básicas do ensino médio. Aqueles que não têm o espanhol como primeira língua fazem também aulas do idioma. Em Cuba a organização do curso é dividida da seguinte forma: nos primeiros anos são ministrados os conteúdos básicos: anatomia, fisiologia, embriologia e histologia. Paralelamente a isso, desde o primeiro ano, uma vez por semana, os estudantes vão a postos de saúde para aprender sobre atenção básica.

“A partir do 3º ano é que o aluno começa a área clínica e passa a fazer visitas aos hospitais”, explica. Mas como promoção e prevenção da saúde são o foco em Cuba, no 5º ano os alunos têm aula de medicina geral integral – que no Brasil é chamada de medicina da família – além de aulas de saúde pública. Terminado o curso, o estudante

é obrigado a voltar. “O acordo é para que ele sirva o seu país e não Cuba”, resume.

Revalidação do diploma

O grande porém de toda a experiência é a revalidação do diploma no Brasil. “O Brasil não revalida o diploma de forma automática e isso acaba sendo um grande complicador. As exigências são muito duras”, diz.

Por este motivo, atualmente Thierry está se preparando para trabalhar no Mais Médicos, programa do Governo Federal que tem como objetivo levar saúde a todos os municípios do país. Mesmo sem a revalidação do diploma é possível trabalhar no programa, mas Thierry sabe que ainda precisará passar em breve pelo complicado processo de reconhecimento de seu título. No entanto, nem a dificuldade para atuar como médico no Brasil afasta seu bom-humor: “Adorei a experiência. Cresci intelectualmente e como pessoa. Os cubanos são muito inteligentes e lá a medicina é exercida de forma muito humana”.



FORA DO EIXO: COMO FUNCIONA O CURSO DE MEDICINA NA ÁFRICA E NA ÁSIA

Países menos visados apresentam exigências mais flexíveis. Na África do Sul, alunos passam três anos no serviço público de saúde para obter o diploma.

Como você deve ter lido neste e-book, o sonho de estudar medicina pode tomar forma em diversos cantos do mundo. Em alternativas mais baratas, como as de países vizinhos, como a Argentina, ou mesmo nas instituições prestigiadas e mais caras, como as líderes americanas.

Fugindo dos destinos comuns, outros países oferecem opções de estudo em medicina bastante conceituadas. Países na Ásia e na África atraem menos candidatos brasileiros, mas não deixam de ofertar opções interessantes. De modo geral, a extensão do curso segue um padrão em todas as regiões: são, no mínimo, seis anos de dedicação praticamente integral aos estudos e à atividade clínica. Somando especialização e residências, então, o cálculo se equipara ao longo caminho comum aos estudantes de medicina ao redor do mundo.

Outro ponto comum vem da necessidade de validar o diploma no retorno ao Brasil.



Como a atividade médica precisa ter um parâmetro de qualidade e ser fiscalizada de perto pelos governos, exames como o Revalida são exigência. Isso significa, na prática, a necessidade de reunir documentos sobre a grade curricular do curso e passar por testes avançados em medicina – para, por fim, poder exercer a atividade no país.

Conheça alguns dos países menos visados, e com iniciativas interessantes, para os interessados na medicina.

Weill-Cornell Medicine in Qatar

Localizada no minúsculo país árabe, vizinho da Arábia Saudita, essa filial da americana Weill-Cornell faz parte de uma série de iniciativas no Oriente Médio tomadas por instituições pioneiras. É um padrão que vem se repetindo na região: universidades renomadas, como as americanas

“O estudante passa pelo Community Service Year, atuando ainda nos hospitais públicos, mas com autonomia em procedimentos cirúrgicos e atendimento.”

pós-graduação, são necessários dois anos de estudos “pré-médicos”, com os fundamentos das matérias para medicina, além de quatro anos da medicina em si. Desde o primeiro ano, os alunos têm disciplinas que incluem contato com

Weill Cornell e Harvard, firmam parcerias com governos locais para criar filiais por lá. No caso do Qatar, que teve início em 2001, o currículo todo é importado dos Estados Unidos, assim como a esmagadora maioria dos professores e assistentes – mais precisamente, 87% deles.

Na carreira de medicina, considerada uma

pacientes, sempre orientados por profissionais mais experientes em hospitais locais, pertencentes à Hamad Medical Corporation. No processo de seleção, que segue os moldes americanos, a exigência é um pouco mais baixa. O GPA (“*grade point average*”, ou média de notas) necessário é de cerca de 3.3, enquanto a Weill-Cornell em Nova York exige cerca de 3.7. A nota do MCAT também é, em média, menor. Atualmente, a filial do Qatar conta com estudantes de 30 países.

Universidade de Cape Town

Localizada na África do Sul, a instituição é uma das poucas no continente africano que chega a posições melhores nos rankings internacionais. Fundada em 1891, a universidade lidera pesquisas na área de saúde no continente, e possui 34 grupos de pesquisa só na Faculdade de Ciências da Saúde.

Embora bem ranqueada, o currículo diverge bastante do perfil americano. São cerca de oito anos para se tornar um médico plenamente reconhecido na África do Sul, sendo que seis são dedicados ao estudo da medicina. Os dois primeiros anos têm cunho teórico e abarcam noções essenciais da área, antes de os alunos fazerem parte de matérias mais “práticas”. Depois desse período inicial, as atividades clínicas já começam, em diferentes campos da medicina.

Ainda que seja possível ir direto do Ensino Médio para a formação em medicina, a trajetória dos médicos não é exatamente fácil. Depois dos seis anos de curso, são necessários mais dois de estágios supervisionados no sistema público de saúde. Após esse período, com mais experiência enquanto médico, o estudante passa pelo Community Service Year, atuando ainda nos hospitais públicos, mas com autonomia em procedimentos cirúrgicos e atendimento. Na África do Sul, essa etapa ficou conhecida como “ano zuma”, em homenagem ao antigo Ministro da Saúde Nkosazana Dlamini-Zuma, que criou a iniciativa nos anos 90.



ALUNOS DE MEDICINA PODEM FAZER INTERCÂMBIOS EM HOSPITAIS DE FORA?

Conheça oportunidades da IFMSA, Associação Internacional de Estudantes de Medicina, e entenda como funcionam os programas de intercâmbio.

Como é possível adivinhar logo de cara, a exigência para cursar medicina fora do país é altíssima. Para atender em hospitais estrangeiros, não seria diferente. Os governos ficam de olho para assegurar que qualquer pessoa responsável pelo atendimento seja qualificada para exercer esse papel - e, portanto, cria diversos filtros. Para os alunos interessados em aprender com centros médicos de fora do Brasil, um caminho possível é o oferecido pela Associação Internacional de Estudantes de Medicina, a IFMSA-Brasil.

Como o nome indica, a associação não tem só uma versão nacional, mas está presente em mais de cem países. Só no Brasil, o número de alunos associados ultrapassa os 2 mil. A atuação da IFMSA permite que estudantes de medicina embarquem para experiências no exterior, ou em escolas médicas nacionais. Também é possível participar como delegado das assembleias de grandes organizações no campo, como a Organização Mundial de Saúde (OMS).



Para o presidente local da IFMSA-Brasil, Fellipe Carlos, uma das vantagens está em poder desenvolver melhor o vocabulário técnico em outro idioma. Mas os pontos positivos não param aí. “O intercâmbio que eu fiz começou a valer a pena a partir do momento em que eu entrei no avião. Comecei a ouvir histórias que nunca encontraria antes”, relata Fellipe, que estuda medicina em

“Você aprende com a medicina aplicada em outros países, e acaba se perguntando se o jeito de fazer medicina aqui é certo ou errado.”

Teresópolis pela UNIFESO (Centro Universitário Serra dos Órgãos). “Você aprende com a medicina aplicada em outros países, e acaba se perguntando se o jeito de fazer medicina aqui é certo ou errado”, explica ele. No caso de Fellipe, a experiência com a IFMSA possibilitou

um intercâmbio no Egito, durante o período do Ramadã. “O maior benefício é o cultural, já que você consegue ampliar horizontes e quebrar estigmas sobre determinadas sociedades”, conta ele.

Como Fellipe detalha, a vivência em outro país varia bastante de acordo com o destino. Em alguns locais, o estudante tem a chance de colocar mais a mão na massa, em outros há restrições. Em outras palavras, somam-se às restrições que os países têm para a atuação de estudantes de medicina, as limitações para estrangeiros. No fim das contas, um lugar como a França oferece uma vivência bem diferente do que um país africano, como é o caso do Egito.

Como participar

Fazer parte dessa experiência é relativamente simples. O passo a passo começa com a associação à IFMSA-Brasil. Não só o estudante, como também a

universidade, devem fazer parte. Caso a instituição não esteja filiada ainda, o estudante pode levar a organização para lá e trabalhar como representante – como foi o caso de Fellipe, que trouxe a IFMSA para a UNIFESO. A partir de então aluno tem acesso às vagas de intercâmbio.

Cabe ao estudante interessado elencar em quais países aceitaria fazer o intercâmbio e listá-los por ordem de preferência.

A partir daí, a candidatura do aluno será analisada, com destaque para o currículo acadêmico e atividades extracurriculares desenvolvidas. “Quem tem melhor pontuação, com participação em ligas acadêmicas, publicação de artigos científicos, se dá bem nas vagas mais concorridas”, resume Fellipe. A concorrência inclui gente do Brasil todo, distribuída por diferentes especialidades (também listadas na candidatura de cada um).

Fica a cargo da IFMSA mediar o intercâmbio, ligando o estudante ao hospital que o receberá e conectando-o a representantes locais. Cada país oferece um padrão de hospedagem – que vai de casas de família a hostels – e um mínimo de refeições por dia, além da vaga de estágio não-remunerado em um hospital da região. Os alunos precisam arcar com os custos de passagens aéreas e também seguro-saúde, que é exigência em muitos países. “Nos fins de semana, alguns lugares oferecem *social programs*, quando levam o estudante para conhecer o país de fato. No meu caso, isso significava visitar pirâmides e construções faraônicas”, relembra Fellipe.



INTERCÂMBIO EM PESQUISA EM MEDICINA - É POSSÍVEL?

Parcerias entre instituições brasileiras e universidades de fora é uma opção. Brasileira em Harvard conta sobre a experiência.

Quem sonha em fazer pesquisa na área de Medicina pode abrir um sorriso ao pensar em estudar fora. Em muitas universidades, a bancada do laboratório é mais acessível do que em instituições brasileiras.

Por trás dessa facilidade, estão alguns motivos práticos. Um deles vem da verba destinada à pesquisa dentro das universidades como um todo. Em uma típica instituição americana, parcela generosa da verba vai já para quem está na graduação. Em outras palavras, os alunos desde cedo têm acesso ao dinheiro para bancar suas empreitadas. No Brasil, ainda que haja possibilidade de fazer uma iniciação científica, por exemplo, tais oportunidades são mais restritas.

Outro ponto crucial em matéria de pesquisa faz parte é o lucro. Uma inovação no campo da medicina - ao contrário do que acontece em campos de tecnologia e T.I. - tem o potencial de gerar lucros por muito mais tempo.



Se é desenvolvido um remédio para combater tipos específicos de tumores, por exemplo, tal medicação vai ficar muito tempo no mercado antes de ser superada por uma opção melhor.

Para que a questão do lucro faça sentido, é preciso lembrar de mais um aspecto importante em diversos países: a ligação das universidades com a indústria

“O acesso a equipamentos de última geração faz toda a diferença. Aprendendo isso nos Estados Unidos, eu sei que estou muito mais apta para voltar ao Brasil e usá-los com confiança.”

costuma ser bem forte, não só em medicina, mas também em áreas como as engenharias.

Isso significa que há parcerias firmadas para bancar os laboratórios, assim como instrumentos e máquinas, e o dinheiro sai dessas grandes empresas. Mas, claro, nem todo o dinheiro vem das corporações: em diversos setores da medicina, quem apoia boa parte das investigações é o governo. No caso dos Estados Unidos, os órgãos governamentais são responsáveis por patrocinar muitas pesquisas médicas e garantem orçamento para isso.

A estrutura da instituição foi uma das vantagens para Gabriela Natania Rebelo, que cursa medicina na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) e embarcou para Harvard este ano. “Eu estou usando um equipamento agora que não

tinha no meu laboratório no Brasil. O acesso a esses equipamentos de última geração, de uso avançado, faz toda a diferença. Aprendendo isso nos Estados Unidos, eu sei que estou muito mais apta para voltar ao Brasil e usá-los com muita confiança”, conta Gabriela.

No caso dela, que foi para Harvard como pesquisadora, a autonomia é maior. Em vez de cursar as matérias regulares, Gabriela dedica-se com exclusividade ao laboratório e desenvolve sua pesquisa sobre perda auditiva. “Embora eu trabalhasse em um subprojeto que era meu, no Brasil, eu não tinha tanto poder de planejamento. E isso é espetacular porque, se planejando, você tem autonomia para fazer uma imersão e estudar determinado assunto”. Isso faz com que os horários de trabalho sejam também planejados por ela, conciliando a duração de determinados testes e mesmo a procura por estatísticas sobre a temática. Sem o compromisso de ir às aulas regulares, portanto, fica mais fácil dedicar-se integralmente a um só assunto. Só que, mesmo com tanta autonomia, cabe a uma pesquisadora como Gabriela, que está no nível de graduação, reportar aos mais experientes do departamento seus avanços. “Toda semana, a gente tem um encontro com os mentores, fala o que fez na semana anterior, os resultados que obteve, as hipóteses possíveis. Essa interação é super importante, porque é aí que a gente aprende mesmo”. Quando voltar ao Brasil, porém, ela precisará compensar o ano que passou em Harvard, já que não há equivalência de matérias.

Como a experiência da brasileira aponta, um caminho possível para quem deseja se dedicar à pesquisa tem como ponto de partida justamente das instituições brasileiras. Ao estudar Medicina no Brasil, o aluno pode pesquisar parcerias já consolidadas com universidades de fora - como é o caso da parceria entre USP e Harvard, que já dura uma década. Outro caminho é procurar por editais das instituições estrangeiras e ver quais são as possibilidades para alunos de outros países, dependendo do nível de formação (graduação ou pós, por exemplo).



COMO FUNCIONA A REVALIDAÇÃO DO DIPLOMA?

Independentemente do destino, é necessário revalidar o diploma para exercer a medicina no Brasil. Confira o procedimento!

Depois da maratona de estudos para ser aceito em um curso de medicina e de anos a fio dedicados ao curso, a pergunta inevitável é: e o diploma? Independentemente do lugar onde se faz o curso, seja na Bolívia ou no Reino Unido, a instituição estrangeira emite um documento oficial. Na prática, ele é um comprovante de que o aluno cumpriu as exigências do currículo e pode ser chamado de médico naquele país.

Isso não significa, porém, que o diploma emitido seja reconhecido em todo lugar. Para voltar ao Brasil e exercer a profissão, por exemplo, o aluno deve passar pela prova batizada de Revalida. Há duas ideias principais por trás desse requerimento. A primeira delas é que, como o exercício da medicina trata do bem-estar e da saúde de pessoas, deve haver cuidado para estabelecer quem pode mesmo fazê-lo. A segunda é garantir a padronização - um nível mínimo estabelecido para a prática da profissão. Em outras palavras, o que um médico precisa saber e fazer para atender bem um paciente?



Antes da implementação do teste, as universidades públicas possuíam processos de equivalência independentes, com critérios que divergiam muito. Depois da consolidação do exame, que surgiu como projeto piloto em 2010, os procedimentos se adequaram ao padrão na maioria das instituições.

De acordo com o INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), que aplica o Revalida, há ainda uma terceira razão. Isso porque o Revalida funcionou como forma de “atender a uma demanda suprimida” por médicos atuando no país, sejam estrangeiros ou brasileiros. Não à toa, a elaboração do exame exigiu a articulação do Ministério da Educação (MEC) e do Ministério da Saúde para se consolidar em 2011, já com o nome atual.

Como funciona

Imagine que um aluno chega ao Brasil depois de passar anos estudando Medicina nos Estados Unidos, já com um histórico acadêmico do período e um diploma de fora. Ele ou ela será candidato no Revalida junto a brasileiros que se formaram em outros países, assim como a estrangeiros que desejam atuar em território brasileiro. E o Revalida, pelo qual todos eles passarão, é dividido em duas etapas.

Na primeira delas, há uma prova de múltipla escolha com 110 questões ligadas à Medicina. Em seguida, vêm mais cinco perguntas, dessa vez discursivas. Em geral, a parte teórica do Revalida ocorre durante oito horas, e é aplicada em um mesmo dia. Os alunos escolhem a universidade mais próxima onde podem fazer o teste e encaminham o diploma estrangeiro digitalizado, pelo sistema do INEP. Tanto estrangeiros quanto brasileiros precisam garantir que o certificado obtido no exterior tenha sido aprovado pelo Ministério da Educação do país em questão (ou um órgão nesse mesmo nível), e também pela autoridade consular brasileira. Já a segunda fase, aplicada cerca de um mês depois, demanda que o estudante execute tarefas práticas.

As tarefas são divididas em dez “estações”, e devem comprovar capacidades como a de ler exames e emitir diagnósticos de acordo com os sintomas relatados dos pacientes. Mas não basta ter conhecimento técnico: Nas simulações clínicas, a *check-list* inclui ainda o tratamento respeitoso com o paciente e a explicação de maneira acessível por parte do médico. Esquecer de colocar luvas ou lavar as mãos, por exemplo, também desconta pontos na nota final.

Para ser aprovado, o aluno precisa ter um desempenho de ao menos 50% nas provas. Caso não obtenha o resultado mínimo na primeira fase, que custa 100 reais, não avança para a segunda. Para fazer o teste prático, a fase dois, há uma taxa extra de 300 reais. Depois disso, a espera pelo diploma revalidado – e emitido pela instituição brasileira escolhida – pode ultrapassar os seis meses.

Há meios alternativos?

Ainda que o Revalida tenha uma adesão considerável entre as universidades públicas, há algumas que ainda conduzem processos independentes. Há instituições como a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), por exemplo, que têm exigências próprias.

Nesses casos, o ideal é verificar os critérios estipulados por cada universidade. Em algumas, a análise de currículo e a comparação à grade brasileira serve como primeira etapa. Em outras, ainda que o histórico do aluno seja avaliado, a primeira fase também exige prova teórica objetiva e discursiva. Há ainda provas práticas em áreas como cirurgia, ginecologia e obstetrícia e clínica médica.

Para fazer a revalidação pelo caminho alternativo, os preços são mais altos e podem chegar à casa dos mil reais. Tanto pelo Revalida quanto pela avaliação independente, cabe ao candidato registrar-se como médico logo em seguida, no estado brasileiro onde deseje exercer a profissão.



PESQUISA EM CIÊNCIAS MÉDICAS NÃO É SÓ PARA MEDICINA

Conheça uma engenheira e um químico engajados a resolver grandes problemas da medicina com uma abordagem multidisciplinar no exterior.

O objetivo da brasileira Nadia Ayad na engenharia é ambicioso. Formada em engenharia dos materiais pelo IME (Instituto Militar de Engenharia), escola conceituada localizada no Rio de Janeiro, se interessa por formas de desenvolver materiais para serem usados no corpo humano.

Em outras palavras, isso significa se debruçar sobre formas de garantir que um produto artificial se “encaixe” em determinada parte do corpo. Para que esse quebra-cabeças funcione, é necessário não só que o material sirva à função a que foi destinado (por exemplo, integrar uma parte do músculo cardíaco), mas que se adapte às mudanças dentro do corpo. “Como um fluxo mais forte de sangue, por exemplo”, aponta Nadia Ayad, que ganhou experiência nesse campo de pesquisa no Imperial College London, no Reino Unido. Entram no cálculo não só o material utilizado pelo pesquisador, mas também o “ambiente” em que o objeto está inserido – no exemplo dado por Nadia, o coração.

Logo após se formar no IME, a engenheira já tem como objetivo definido prosseguir suas investigações na área.



Para as candidaturas de PhD que encaminhou a nomes de destaque – como o MIT (Massachusetts Institute of Technology), Universidade de Cambridge e Johns Hopkins, Nadia detalha o interesse em se voltar para a construção de tecidos como cartilagens. O uso de biomateriais, objetos de estudo da brasileira, se voltariam para a indução de células-tronco a formar tecidos como os das cartilagens, por exemplo, em versão 3D. “Eu gosto muito de pesquisa e ciência, desde cedo me envolvi nisso”, conta ela. No que depender de Nadia, o único caminho possível será em frente.

Inovações para combater o câncer... no MIT

Desenvolver um medicamento mais efetivo e menos agressivo para o câncer é mais do que um sonho – é uma das metas concretas de Pedro Pires para os próximos anos. Bolsista da

“Quero que, no futuro, as pessoas não precisem ir para fora para ter acesso à pesquisa de ponta.”

Fundação Estudar, o mineiro de 31 anos está em seu pós-doutorado em nanotecnologia no mais famoso instituto de tecnologia do mundo, o Massachusetts Institute of Technology (MIT).

Aluno da rede pública boa parte do ensino fundamental e durante todo o ensino médio, Pedro sempre gostou de química

e biologia. Na hora de escolher a graduação, optou pelo curso de farmácia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Na mesma instituição também realizou mestrado em Inovação Biofarmacêutica e doutorado no Departamento de Química.

O interesse em pesquisar remédios relacionados ao câncer surgiu ao observar os efeitos colaterais intensos associados ao uso de alguns medicamentos. Hoje, seu objetivo principal é tornar os medicamentos mais seletivos e específicos para células ou tecidos tumorais.

“Quero aplicar a nanotecnologia no tratamento do câncer para conseguir desenvolver um medicamento que seja mais efetivo na contenção de metástases, de forma a não prejudicar células saudáveis. E esse medicamento terá carimbo brasileiro, será feito com tecnologia nossa”, garante.

Avançando a medicina... e também a pesquisa médica no Brasil

De olho na carreira acadêmica e focada nos potenciais usos de biomateriais dentro da medicina, Nadia pretende trazer mais discussões sobre o seu tema de análise ao Brasil, onde o campo de estudos dá os primeiros passos. “Quero que, no futuro, as pessoas não precisem ir para fora para ter acesso à pesquisa de ponta”.

Da mesma forma, Pedro acredita que a pesquisa no Brasil deve se basear não só em artigos, mas principalmente em patentes. No MIT, seu grupo de pesquisa possui mais de 25 startups e 1080 patentes, sendo 300 já licenciadas para indústrias farmacêuticas, químicas, biotecnológicas e de dispositivos médicos. “Além da pesquisa que estou desenvolvendo, quero vivenciar a relação universidade-empresa e aprender com o espírito empreendedor. Além disso, quero criar uma rede forte de colaboração para que outros pesquisadores brasileiros possam ter essa oportunidade e para que possamos desenvolver projetos em parceria com o Brasil”, diz.

Textos

Priscila Bellini
Julia Simon
Jéssica Ribeiro
Carolina Campos

Edição

Nathalia Bustamante

Design

Aaron Saiki
Danilo de Paulo
Renata Monteiro

FUNDAÇÃO ESTUDAR, 2017

